

DIFICULDADES E PERSPECTIVAS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA FILOSOFIA DE CURSO NA CONJUNTURA DA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Eunice Piazza Gai

Costuma-se falar muito mal dos cursos de letras. Citando dados e estatísticas, comprova-se que os alunos chegam mal preparados, os cursos em geral, primam pela ineficiência, os currículos jamais são adequados, as formas de avaliação são arcaicas.

Percebe-se, enfim, de algumas décadas para cá, uma reviravolta em relação ao status de que gozavam os estudos das humanidades, das quais a área de letras faz parte.

Tais fatos, apesar de não serem destituídos de realidade, não podem ser tomados como referência única. Isso quer dizer que não basta modificar currículos, formas de avaliação, nem mesmo "exigir produção" para que se possa reverter o "status quo", uma vez que ele é consequência e, como tal, está relacionado a um contexto mais amplo, ao processo de ordenação social e econômica, bem como à própria fundamentação filosófica ou epistemológica dessa prática e desse saber.

Destes aspectos pretende tratar o presente texto, ou seja, discute a possibilidade de estabelecer a fundamentação filosófica para uma prática institucionalizada: a licenciatura em letras, que, apesar disso, carece de justificação e precisa ser redefinida.

Pergunta-se: seria isso possível? Seriam os pressupostos filosóficos o passo necessário? Seria possível reverter o quadro acima exposto? Tal justificação teria de concordar com quê? Com quem?

Para responder a tais questões, parece necessário delimitar, a nível teórico, a situação contextual onde essa prática se realiza. Tal fato implica refazer, mesmo que de forma sintética, o percurso da Modernidade e da Pós-Modernidade.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a Modernidade se caracteriza sobretudo pela tendência crítica, por levar a crítica às suas últimas consequências. Todos os valores constitutivos da civilização ocidental estão abalados: a moral, Deus, o primado da razão, o bem, o mal, a validade das instituições, a justiça, a verdade e até o próprio ideal de esclarecimento. E não apenas os valores, mas os próprios fundamentos da crítica (que faz a crítica dos valores) perderam o seu lugar privilegiado. A filosofia da Modernidade é permeada de niilismo.

Basta considerar as idéias de Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, onde os autores desenvolvem a tese de que "o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia"⁽¹⁾. Baseados na idéia de que o esclarecimento (ou ilustração) se fundamenta na razão instrumental, ou seja, na razão utilizada para determinados fins que não são outros senão os da dominação e do poder, demonstram a identidade existente entre razão e dominação. Com isso, elaboram uma crítica totalizadora, que acaba atacando seus próprios fundamentos, na medida em que ataca a faculdade racional.

Para movimentar-se teoricamente nessa contradição, Adorno e Horkheimer, segundo Habermas:

hurgonean y mantienen abierta la contradicción realizativa de una crítica ideológica que trata de sobrepujar-se a sí misma, pero no tratan ya de superarla teóricamente. Una vez que, aupados a tal nivel de reflexión, comprueban que toda tentativa de desarrollar una teoría no puede en realidad tener-se en pie, renuncian a la teoría y practican ad hoc la negación determinada oponiendo así una tenaz resistencia a esa fusión de razón y poder que pretende tapar y obstruir todos los desgarrones".*(2)

Da Modernidade à Pós-Modernidade é apenas um passo, ou seja, uma é consequência da outra. J. F. Lyotard, em *O Pós-Moderno*, define a sociedade atual como pós-moderna ou pós-industrial; tal sociedade se estrutura sob novos parâmetros. Observa que há uma transformação na própria natureza da ciência (que fundamenta a prática social) a qual passa a ser apenas operacional, fundada nas técnicas da máquina informática.

Assim sendo, a atividade científica deixa de ser aquela práxis que segundo a avaliação humanística liberal, especulativa, investia a formação do "espírito", do "sujeito razoável", da "pessoa humana" e até mesmo da "humanidade".(3)

É a concepção da ciência como tecnologia intelectual utilizada como valor de troca, desvinculada do seu produtor e do consumidor porque informatizada.

O saber, portanto, nessa sociedade, passa a ter novo estatuto:

O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação (Bildung) do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso. Esta relação entre fornecedores e usuários do conhecimento e o próprio conhecimento tende e tenderá a assumir a forma que os produtores e os consumidores de mercadorias têm com estas últimas, ou seja, a forma valor. O saber é e será produzido para ser vendido, ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu "valor de uso".(4)

Tais dados selecionados e sintetizados estão aí para confirmar a dificuldade de se estabelecer uma proposta filosófica que justifique uma prática humanística dentro do contexto histórico da atualidade. Pelo menos na sua forma tradicional, que é como ainda o exige a disposição acadêmica, tal propósito corre sérios riscos de se tornar ineficaz ou ingênuo.

* Tradução: acendem e mantêm aberta a contradição realizativa de uma crítica ideológica que trata de sobrepujar-se a si mesma, mas não tratam de superá-la teoricamente. Uma vez elevados a tal nível de reflexão, comprovam que toda a tentativa de desenvolver uma teoria não pode, na realidade, manter-se de pé; renunciam à teoria e praticam ad hoc a negação determinada opondo assim uma tenaz resistência a essa fusão de razão e poder que pretende fechar e obstruir todas as fendas.

Mas, apesar disso, resta ainda uma última questão: Que fazer com os cursos de Letras?

Se não se trata de estabelecer uma filosofia dentro dos parâmetros tradicionais; se parece temeroso tentar justificar uma prática institucionalizada devido a suas múltiplas implicações, talvez seja de fundamental importância levantar alguns aspectos que não podem ser desconsiderados numa atividade como esta (cursos de letras) ligada aos anseios e processos propriamente humanos.

Assim, os cursos de Letras, como prática humanística, devem situar-se nesse contexto de negatividade e também de contradições. O seu desenvolvimento e as atividades propostas devem propiciar aos indivíduos envolvidos no processo não apenas a possibilidade de compreender ou de tomar consciência dos fatos, mas também a capacidade de movimentar-se adequada e autonomamente no espaço da sociedade atual.

Não mais (como sempre mandou a tradição) a formação do homem ideal, a construção da sociedade utópica, a busca de valores absolutos... não mais.

Apenas a consideração do homem concreto, "doente", dividido interiormente como indivíduo, e dividido socialmente em classes. O homem problematizado e real, este é que deve interessar. "Ideal", hoje, é o ser humano que sabe de tudo isso, da sua impotência, da sua fragilidade; que não precisa mais nem de heróis, nem de exemplos e, justamente por isso, não tem preconceitos nem limitações exteriores, estas sim ditadas pela razão instrumental.

Para os ouvidos acostumados às palavras de ordem da tradição, tais concepções são um indício de volta ao caos, ao primitivo, fato aliás, proposto filosoficamente por Adorno e realizado em termos de Literatura por Thomas Mann em *Doutor Fausto*, obra fundamental para se compreender a modernidade.

Assim, numa época de dúvidas e perplexidades e, sem a menor chance de realizar prognósticos, pode-se concluir que o papel dos cursos de Letras, e dos estudos humanísticos em geral, consiste no fato de constituírem ainda o reduto, por excelência, onde se busca o conhecimento do homem e das suas relações com a realidade. Neste sentido, seu papel é de resistência à alienação, (ao imobilismo e à repetição do homem pela informatização) a informatização do homem ao imobilismo, à repetição. É preciso voltar os olhos para o novo. Mas, se há um novo conceito de humanismo pairando no ar, ele ainda não é delimitável, nem "absolutamente" novo. É necessário buscar raízes, compreendê-las, podá-las... e, por esse motivo, é sempre válido e necessário revisitar a tradição, especialmente a Literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) HORKHEIMER, Max & ADORNO, T. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1985.
- (2) HABERMAS, Jürgen. *El discurso filosófico de la modernidad*. Madrid, Taurus, 1989.
- (3) LYOTARD, Jean François. *O Pós Moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- (4) Idem